

BC descarta novo ataque ao real

"Não há nenhuma possibilidade; essas cantadas de bolas não têm nenhuma possibilidade de se realizar", reagiu a chefe do Departamento de Operações das Reservas Internacionais (Depin) do Banco Central (BC), Maria do Socorro Costa de Carvalho, à previsão do economista norte-americano Albert Fishlow de que a crise financeira asiática, que no momento atinge fortemente a Indonésia, deverá se refletir num novo ataque especulativo contra o Brasil, dentro de duas ou três semanas. Já o ex-presidente do BC Gustavo Loyola - que no momento está montando um escritório de consultoria em São Paulo - embora considere que a crise asiática possui um caráter mais regional, acha difícil prever se o Brasil será ou não atingido ainda mais por ela. "Você pode com tranquilidade afirmar que, quanto melhor estiver em seus fundamentos macroeconômicos, melhor o País responderá à crise", disse ele.

Nesse particular, Loyola vê uma "re-

lativa fragilidade fiscal". Ele lembra que ainda há um déficit público elevado que, por razões estruturais, somente será reduzido na medida em que se implementarem as reformas constitucionais nesse campo. O ex-presidente do BC acredita, no entanto, que, em caso de efetivamente ocorrer um novo ataque, que ele não vê tão iminente, o BC ainda "tem suas armas". Segundo ele, há uma lista de medidas que ainda pode ser implementada. Nesse elenco, entretanto, Loyola não inclui uma desvalorização cambial. O mesmo não pensa o economista Paulo Yokota, ex-diretor do BC, atualmente consultor econômico e sócio da empresa Idéias Consultoria. Ele defende uma desvalorização do real para estimular as exportações, e isso antes que o País se veja obrigado a fazê-lo, em função de novo e forte ataque especulativo.

Yokota pondera que há países asiáticos que desvalorizaram as moedas em dois terços e, portanto, poderão colocar os produtos, até mesmo automóveis, no

mercado brasileiro as preços bem inferiores aos dos nacionais. Ele defende a adoção de um novo pacote de medidas de incentivo às exportações, incluindo de caráter fiscal, além do estabelecimento de cotas de importação. Essa medida, segundo ele, está sendo adotada na Argentina, enquanto o governo brasileiro, ainda disfarçadamente, tenta segurar pedidos de importação.

A chefe do Depin acha que a crise da Indonésia, principal atingida no momento, é regional. "Mesmo assim, se houver turbulência, nós temos os meios para reagir", afirma ela. Maria do Socorro Costa Carvalho recorda que "o governo já demonstrou que não vai mexer no câmbio" e afirma que uma desvalorização do real "traria de volta a inflação, a instabilidade absoluta do mercado e perda de credibilidade". Ela acredita que a crise asiática pode até trazer benefícios para o Brasil, como um maior afluxo de capitais estrangeiros, sobretudo em função do programa de privatização.